

APRESENTAÇÃO

Desde sua fundação, há dezesseis anos, o Centro de Estudos Mesoamericanos e Andinos da Universidade de São Paulo (CEMA/USP) tem trabalhado ativamente na realização de atividades acadêmicas que estabeleçam e fortaleçam os estudos sobre os povos ameríndios da Mesoamérica e dos Andes Centrais nas universidades brasileiras. Entre as atividades frequentes que concorrem para essa finalidade, merecem destaque o seu Seminário Permanente de História e Arqueologia da Mesoamérica e Andes e os seus quatro Grupos de Estudo: de Quéchuas, de Nahuatl, de Códices Mesoamericanos e de História e Antropologia Indígenas.

Além dessas atividades, o CEMA/USP também tem realizado eventos acadêmicos de porte e alcance temático, institucional e disciplinar mais amplos, como os simpósios *Livros e Literaturas da América Indígena*, os seminários de *Estudos Andinos no Brasil* e, especialmente, os colóquios *História e Arqueologia da América Indígena*, que chegam à sua oitava edição em 2016, catorze anos depois de sua primeira edição, em 2002.

Todas as edições do colóquio *História e Arqueologia da América Indígena* se caracterizaram pelo profícuo diálogo entre pesquisadores procedentes de várias disciplinas (História, Arqueologia, Antropologia e outras), provenientes de diversas partes do Brasil e do mundo e que se dedicam ao estudo de várias regiões da América Indígena; e não apenas à Mesoamérica e aos Andes Centrais. Além disso, todas as edições também se marcaram pelo contato e diálogo entre pesquisadores que ocupam os mais diversos níveis acadêmicos, desde estudantes de graduação até estudiosos de reconhecida importância em suas áreas de investigação. Essas são algumas características dos colóquios do CEMA que desejamos compartilhar com todos vocês pelos próximos três dias.

Bem-vindos ao VIII Colóquio *História e Arqueologia da América Indígena*!

INFORMAÇÕES

Fique atento para os locais de realização do VIII Colóquio *História e Arqueologia da América Indígena*

Dia 28 de setembro – Anfiteatro Fernand Braudel

Departamento de História da FFLCH – Av. Prof. Lineu Prestes, nº 338 - Cidade Universitária – São Paulo – SP

Dias 29 e 30 de setembro – Auditório da Casa de Cultura Japonesa

Av. Prof. Lineu Prestes, nº 159 – Cidade Universitária – São Paulo – SP

Ver mapa ao final deste caderno

E-mail: cema@usp.br

Site: www.usp.br/cema

Comitê Organizador

Cristiana Bertazoni Martins (CEMA/USP)

Eduardo N. dos Santos (Depto. de História FFLCH e CEMA/USP)

Leila Maria França (IPHAN e CEMA/USP)

Pedro Paulo Salles (ECA/USP e CEMA/USP)

Equipe de Apoio CEMA

Ana Cristina de Vasconcelos Lima, Charles Bosworth, Eduardo

Gorobets Martins, Fernando Pesce e Maria Luísa Vieira

28 de setembro – Anfiteatro Fernand Braudel Departamento de História

9h00 – ABERTURA DO EVENTO

9h15 – Palestra de abertura da manhã:

A flauta-jaguar e o tambor-anaconda do Alto Xingu: um comentário wauja à ontologia política do sensível

Aristóteles Barcelos Neto (a.barcelos-neto@uea.ac.uk)

University of East Anglia

Os interesses cosmológicos e estéticos dedicados ao jaguar e a anaconda entre os Wauja do Alto Xingu abrangem diversos campos de expressão – mito, música, cultura material, código culinário, liderança política e ritual – que constituem em seu amplo conjunto um modo sensível de imaginação conceitual. Essa comunicação analisa como o aparecimento, fazimento e atuação das flautas-jaguar, exploradas por um xamã wauja em uma narrativa sobre seus processos de adoecimento, cura e liderança ritual, são utilizados na elaboração de um conceito fundamental da teoria wauja da transformação: *kawoká*. Em associação às flautas, aparece uma série de outros objetos de poder, dentre eles o tambor-anaconda, os quais constituem uma população altamente heterogênea de agentes cosmopolíticos. Essa comunicação conduz sua análise em consonância com a passagem de um grande número desses objetos para um estado oculto, no início da década 1950, até o seu reaparecimento apoteótico a partir de meados da década de 1990.

10h00 – MESA I – *Etnologia e história ameríndia recente*

Mediador: Pedro Paulo Salles

Un sueño ácido: A visita daqueles que se adiantaram

Ana Paula Lino de Jesus (eleutheria_emunah@hotmail.com)

Mestranda na Universidade Federal do Rio de Janeiro

Tendo como cenário a Serra Mazateca (Oaxaca, México), esta comunicação se detém, a partir de aportes da Antropologia e da Filosofia da Dança, sobre os cha

xo'ó, personagens que se vestem com roupas tradicionais, máscaras e chapéus trançados pontiagudos, e que dançam frenética e alegremente por oito ou nove dias, durante o período de *todos los santos*. As análises procuram relacionar a experiência transística da dança dos cha xo'ó com a experiência extática das veladas mazatecas, onde se manipula cogumelos psicoativos do gênero *Psilocybe*. Para tanto, parte-se dos discursos construídos a respeito da famosa sábia *María Sabina*, passando-se a experiências com outros curandeiros em campo, e focando-se na constituição do vestuário (da epiderme) do corpo que se move e da poesia produzida a partir desta movimentação. O movimento, para tal sentido, é tomado como experiência.

Sendero Luminoso: um movimento étnico ou milenarista?

Flávia Eugênia Gimenez Fávori (flavia_egdf@yahoo.com.br)

Mestranda na Universidade de São Paulo

No final de 1980, o centro de Lima amanheceu com uma cena inusitada e chocante: cães mortos pendurados nos postes de energia elétrica e portando cartazes com os dizeres “*Teng Siao Ping, Hijo de Perra*”. A mensagem, que soava demasiado enigmática para a grande maioria dos peruanos, marcava o início da luta armada de um dos principais grupos guerrilheiros latino-americanos do final do século, conhecido por Sendero Luminoso (SL). Com o agravamento do conflito armado, especulava-se: quem eram os senderistas? O que reivindicavam? Dado que a organização atuava na zona andina de Ayacucho, de população predominantemente *quechua-hablante*, seria ela um movimento étnico ou milenarista? Este trabalho é parte de uma pesquisa de mestrado em andamento e tem como objetivo apresentar a discussão acerca da conexão atribuída à guerrilha com relação à *questão indígena*, no campo acadêmico e na Comissão da Verdade e Reconciliação do Peru. Acredita-se que apesar de não ter sido um movimento étnico ou milenarista, há elementos da *questão indígena* que devem ser apreciados no SL.

Calendário Maia no plural: a diversidade de contos do Ja'ab' de 365 dias

Thiago José Bezerra Cavalcanti (tcavalcanti@id.uff.br)

Mestrando na Universidade Federal Fluminense

Na história da Mesoamérica, o ciclo de 365 dias – conhecido como calendário civil ou agrário – é um caso particularmente interessante. Apesar de a estrutura da conta permanecer a mesma (com 18 ciclos de 20 dias, mais um curto período de cinco dias), existiram, em diferentes sociedades, diversos “marcadores de ano”, dias de “ano novo”, etc. A partir de autores como Susanna Miles e Munro Edmonson, há muitas evidências desta diversidade calendárica na Mesoamérica e entre os maias. A invenção de tradições calendáricas deve ser entendida, portanto, como parte importante de processos históricos e políticos mesoamericanos que precedem os próprios maias. Considerando que as contas de 260 e 365 dias foram mantidas na Guatemala, não surpreende que isto se observe entre os maias contemporâneos no século XXI. Neste sentido, debatarei a importância das tradições do calendário de 365 dias como marcador de diferença local e regional, documentando também as contas atualmente em uso na Guatemala.

Ricardo Latcham y el comienzo del estudio de la historia del pueblo mapuche

Víctor Pacheco Garrido (vpachecogarrido@gmail.com)

Mestrando na Universidade Federal da Integração Latino-americana

En pleno proceso de integración forzosa del territorio mapuche a la República de Chile, el ingeniero inglés Ricardo Latcham llega al Bío-Bío para trabajar en las grandes obras de conectividad del nuevo territorio. Su viaje por el antiguo Wallmapu, o País Mapuche, lo llevará a vivir por varios años con los indígenas y fortalecerá su interés por entender al antiguo y orgulloso pueblo, generando un detallado trabajo etnográfico sobre las comunidades mapuches de Malleco, que lo convertirá en uno de los primeros antropólogos e historiadores en realizar estudios científicos sobre el origen de los mapuches. ¿Alóctonos o autóctonos? Sus aportes, fundamentales para justificar o recusar la anexión, siguen siendo esenciales a la hora de entender la compleja historia del Wallmapu, por lo que se propone aquí explicar sus principales trabajos y su quehacer en torno a la temática mapuche, enfocándonos en su teoría alóctona y como ha influenciado la antropología e historia de la nación mapuche hasta el día de hoy.

12h00 às 14h00 – ALMOÇO

14h00 – Palestra de abertura da tarde :

Teotihuacán y sus vínculos culturales con el sur de Mesoamérica

Verónica Ortega Cabrera (veronicabmx@yahoo.com.mx)

Instituto Nacional de Antropología, México

Hablar de los grandes centros urbanos de la Mesoamérica prehispánica, implica un reto para la arqueología mexicana en cuanto a la definición de los grupos humanos que les dieron forma y vida, así como en la organización de los datos y la búsqueda de una historicidad congruente con los restos materiales. Teotihuacán, la gran urbe del Clásico en el Altiplano central mesoamericano, fue sede de una de las sociedades más complejas e influyentes de la historia prehispánica; sus restos arqueológicos ha mostrado evidencias que llevan a considerar un componente multiétnico en su población, reflejado tanto en el ámbito público como en el doméstico, en diversas escalas y proporciones, pero haciendo siempre patente la interacción existente entre la ciudad y el territorio circundante, tanto a nivel periférico como a grandes distancias. En este trabajo nos interesan concretamente dos aspectos: 1) los contactos interregionales que mantuvo la sociedad teotihuacana particularmente con la zona centro-sur del territorio mexicano, más específicamente con los valles centrales del actual estado de Oaxaca, y 2) la manera en que se ha abordado este fenómeno en el desarrollo de las investigaciones arqueológicas en la gran ciudad.

15h00 – MESA II – *Arqueologia e história dos incas*

Mediadora: Cristiana Bertazoni

Los mitmas y la producción alfarera Inca en Vilcashuaman-Ayacucho, Perú

Carmen Cazorla (cazorlazen@yahoo.com)

Doutoranda na Universidad Nacional Mayor de San Marcos

La provincia de Vilcashuamán dentro del proceso cultural de la región de Ayacucho tuvo un rol importante en el desarrollo político y social en la época del incanato, se evidencia en la arquitectura y la nueva tradición alfarera que

generó un impacto en las poblaciones locales conquistadas que estuvieron asentadas en estos lugares. En el cambio de los estilos y tecnología de producción ceramográfica fueron los mitmas, quienes habrían producido esta dinámica. Los Incas asentaron a los mitmaquna para mantener un control más adecuado de sus territorios conquistados, especialmente en los espacios conflictivos o potencialmente enemigos como Vilcashuamán, que representaba una fuerte ocupación del grupo étnico Chanka y precisamente este es uno de estos espacios donde los incas impusieron diferentes mitimaes. Por ello, la investigación se sustenta en la siguiente interrogante: ¿Qué elementos se fusionaron, adaptaron o desaparecieron en la alfarería local durante la ocupación Inca?

La fundación del Cuzco incaico a través de las crónicas coloniales: Un estudio a partir de Juan de Betanzos (1551) y Juan de Santa Cruz Pachacuti (1613)

Fabián Andrés Torres (fabi_andres03@hotmail.com)

Mestrando na Universidade Federal da Integração Latino-americana

Mi propuesta de comunicación tendrá por objetivo estudiar los mitos de fundación del Cuzco incaico en la documentación colonial del siglo XVI y XVII, especialmente en las obras de Juan de Betanzos (1551) y Juan de Santa Cruz Pachacuti (1613). Serán útiles los conceptos teóricos de *memoria* y *memoria cultural* para poder abordar como los supuestos relatos orales a los que tuvieron acceso los cronistas, están enmarcados dentro de la memoria andina, y como dicha memoria basada en la oralidad, tuvo que ser llevada a la escrita hispánica. Además, también le daremos importancia a los principales actores que participaron dentro de la fundación del Cuzco, como: Manco Cápac, Mama Huaco, Los hermanos Ayar, y las divinidades de Viracocha y Tonapa.

La toponimia como identificadora de centralidades urbanas del Cusco en el Tahuantinsuyo

Gina Lobato Cordero (ginasoloco@hotmail.com)

Doutoranda na Universidade Federal de Uberlândia

El presente trabajo busca poner de manifiesto la estrecha relación que ejerció la cosmología Inca en el nombramiento de centralidades urbanas del Cusco como el centro del Tahuantinsuyo durante el Señorío de los Incas. Se analizó la relación socio cultural en la construcción de equipamientos importantes en la ciudad de acuerdo a datos históricos que evidencian la importancia de la elección del lugar, la materialidad y usos, en la planificación y construcción de un sistema administrativo, económico y político de esta cultura, siendo la toponimia un recurso valioso para entender el crecimiento del legado cultural en la estructura de un imperio, en donde los elementos generadores de identidad pueden encontrarse en armonía con el entorno natural propio de cada región y por ende de sus habitantes, debido a una conexión que supera una conformación puramente material y se convierte en un elemento holístico para cultivar, cuidar y venerar los productos obtenidos.

16h30 às 17h00 – INTERVALO

17h00 – MESA III – *Os ameríndios e o regime colonial na América portuguesa e espanhola*

Mediador: Eduardo Natalino dos Santos

Das políticas ameríndias às políticas coloniais. Considerações sobre a construção das colonizações ibéricas na América entre os séculos XVI e XVIII

Fernanda Sposito (f.sposito.f@gmail.com)

Pós-doutoranda na Universidade Federal de São Paulo

Esta comunicação apresenta algumas reflexões sobre as políticas para os índios da América formuladas pelos Impérios ibéricos, problematizando-as para além das demandas e questões europeias. Além de discutir algumas medidas, bem como alguns projetos e discursos adotados pelos reinos católicos em relação aos ameríndios, o foco deste texto é apresentar essas práticas também a partir de demandas, pensamentos e ações dos grupos indígenas. Assim, a hipótese aqui trabalhada é que as políticas *dos* índios influenciaram na elaboração das políticas *para* os índios. Ainda que dominados e aniquilados em alguns casos,

os povos indígenas não deixaram de agir e determinar as políticas coloniais. Por sua vez, essas atitudes se tornaram sustentáculos da própria colonização do continente.

A força de combate dos índios da aldeia de Ibiapaba no processo de expansão da Coroa portuguesa nas capitanias do Norte – Século XVIII

Lígio José de Oliveira Maia (ligiomaia@yahoo.com.br)

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Localizada na fronteira das capitanias do Ceará e Piauí, a aldeia de Ibiapaba era governada pelos jesuítas (1700-1759). Ao longo do século XVIII, o número de índios aldeados oscilava entre quatro mil e 7.500 almas. Ainda que surpreendente, não era o contingente demográfico que mais chamava a atenção das autoridades. O valor dos índios da aldeia de Ibiapaba estava no seu uso enquanto uma força militar aliada combatendo eles, em várias ocasiões ao longo do Setecentos, índios hostis e contrários aos interesses da coroa na região: no primeiro momento com a intermediação dos missionários jesuítas (1700-1759), depois, a partir de suas respectivas lideranças na condição de índios vilados. Com esta comunicação, espera-se demonstrar a relativa autonomia que granjeava a força militar desses índios; assim como, elencar alguns elementos de sua organização militar num quadro mais amplo de sua importância quanto aos interesses coloniais, apropriada por eles não somente na condição de vassalos, mas de vassalos guerreiros nos conflitos de expansão da coroa portuguesa nas capitanias do Norte.

Indígenas na justiça: ações de liberdade na Amazônia portuguesa, primeira metade do século XVIII

Luma Prado (luma.prado@usp.br)

Mestranda na Universidade de São Paulo

Índias e índios escravizados, ao longo do século XVIII, encaminharam petições, requerimentos e apelações aos tribunais das Juntas das Missões das capitanias do Maranhão e do Pará, como também às instâncias da justiça metropolitana, a Casa da Suplicação e o rei. Denunciando a irregularidade do cativoiro,

objetivavam livrar-se dos maus tratos e de condições árduas de trabalho, bem como conquistar o direito de escolher a quem servir, com quem casar, onde morar e, fundamentalmente, no caso de índias mulheres, de estender a garantia de liberdade aos seus descendentes. A comunicação que ora se propõe apresentará o projeto de mestrado e os resultados iniciais da pesquisa intitulada “Ações de liberdade: o uso da justiça por índias e índios na Amazônia portuguesa, século XVIII”.

29 de setembro – Auditório da Casa de Cultura Japonesa

9h30 – Palestra de abertura da manhã:

Construyendo el mundo en el Códice Vaticano A. Una aproximación desde la Cultura Visual

Ana Díaz Álvarez (anaguadalupe.diaz@gmail.com)

Universidad Nacional Autónoma de México

Esta ponencia tiene por objetivo hacer un recorrido por una selección de imágenes del códice Vaticano A para observar la manera en que se configuró un discurso visual que permitió a diferentes agentes, principalmente de filiación indígena, exponer la historia (antigua y contemporánea) de los “mexicanos” del siglo XVI. El hilo conductor de esta breve exposición gira en torno a la imagen, que será concebida como la fuente primaria del análisis. Este estatuto se sustenta en el papel que jugó dentro de la cultura visual precolombina la imagen, como forma discursiva predominante. Presentaré una selección de casos que permitirán observar la manera en que viejos tópicos presentes en objetos nahuas y mixtecos del Posclásico (como las historias de origen), fueron reconfigurados para ser presentados en el códice Vaticano A ante un nuevo público. El propósito es hacer un seguimiento de la manera en que la selección de imágenes antiguas y nuevas permitió a los pintores (tlacuiloque) recrear la historia universal antigua de los pobladores de la Nueva España, traspasando límites culturales, temporales y geográficos en un intento por configurar la historia antigua del Nuevo Mundo. Es la historia contada desde una nueva era, aplicando nuevas formas discursivas.

10h30 – MESA IV – *Indígenas e cristãos no vice-reino da Nova Espanha*

Mediadora: Leila Maria França

Os índios dizem o que é bom de comer. Considerações sobre a dietética espanhola entre os naturais da Nova Espanha (século XVI)

Alexandre C. Varella (alevarella71@gmail.com)

Universidade Federal da Integração Latino-americana

O intuito da apresentação, em revisão de pesquisa anterior, é refletir sobre as relações interculturais e as identidades locais nas políticas do discurso sobre a alimentação. A análise se dá em torno de alguns informes das intituladas *Relaciones Geográficas*, respostas ao questionário do Consejo de Indias feitas por *corregidores*, clérigos e outras autoridades vicerreais espanholas em contato com *gobernadores* e *principales* dos *pueblos de indios* (aqui apenas documentos do centro do México, década de 1580). Também, e principalmente, são avaliados os textos das colunas em espanhol e náuatle da obra de Sahagún conhecida como *Códice Florentino*. Noções espanholas da tradição hipocrática e galênica do regime alimentar, visões do que é salutar nas operações de “comer e beber”, e da alimentação “bárbara”, ou seja, incorreta e enfermiza dos naturais da Nova Espanha, são de alguma forma confrontadas, remexidas e contestadas pelos saberes e interesses dos “informantes” indígenas.

Poder e adaptações culturais nas crônicas de Fernando de Alva Ixtlilxóchitl: a legitimação social e política das elites indígenas de Texcoco no final do século XVI e início do XVII

Dayane Menezes de Oliveira (dayane.wiliam@gmail.com)

Mestranda na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

A presente pesquisa está direcionada a compreender de que maneira alguns conceitos e valores originários da cultura Ocidental foram adaptados nos relatos do cronista indígena Fernando de Alva Ixtlilxóchitl para legitimar o poder social e político de sua etnia (*acolhuas* de *Texcoco*), durante final do século XVI e início do XVII na região da Nova Espanha. Para tal, este trabalho utiliza como fontes primárias o primeiro e segundo volumes das chamadas Obras

Históricas, um conjunto de diferentes textos produzidos por Ixtlilxóchitl, que serão associados às experiências cotidianas do cronista. Por fim, acrescento que este trabalho tem o intuito de comprovar que os conceitos e valores relatados por Ixtlilxóchitl, atribuem aos seus textos uma estrutura bastante peculiar pela convergência da cultura indígena e hispânica, e que esta construção própria permitiu ao Ixtlilxóchitl evidenciar a legitimação do poder social e política das elites indígenas de *Texcoco*.

Apropriações e ressignificações de conceitos cristãos pelas elites nahuas e maias na produção de novas cosmologias e histórias

Eduardo Natalino dos Santos (natalino@usp.br)

Universidade de São Paulo

As elites nahuas e maias se apropriaram de conceitos cristãos desde as primeiras conquistas espanholas, interpretando-os e ressignificando-os segundo suas próprias tradições de pensamento e seus próprios projetos políticos, que passaram a levar em conta tais conquistas e, também, os outros tipos de contato com os cristãos, como a relação com os missionários e autoridades espanholas. Nesta comunicação, analisaremos algumas das principais formas de apropriação e de ressignificação de conceitos cristãos pelas elites nahuas e maias para a produção de novas explicações acerca do mundo social e natural. Algumas dessas explicações foram plasmadas em textos alfabéticos – como a *Leyenda de los soles* e os *Libros de Chilam Balam* – e em textos pictográficos – como a *Tira de la Peregrinación* e parte do *Códice Mendoza* – que abrangiam o passado, o presente e, por vezes, o futuro dos nahuas e maias, ou seja, tomaram a forma do que podemos nomear de cosmologias-histórias-profecias ameríndias, que serão os principais objetos de análise desta comunicação.

As elites indígenas maias e os elementos de legitimação de poder pelos herdeiros da tradição

Karina Monte (karina_monte88@hotmail.com)

Mestranda na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Durante o período colonial diversos livros de tradição indígena foram queimados pelos espanhóis por estarem vinculados a antigas divindades pré-hispânicas. O contato com os conquistadores e religiosos trouxeram alguns impactos para as sociedades mesoamericanas durante o período de conquista e evangelização na América hispânica, mas também possibilitou, a partir da catequização e aprendizado do alfabeto latino, a reescreverem suas antigas histórias, agora num contexto político e cultural bastante distinto. A partir disso, o objetivo do nosso trabalho foi identificar nos documentos selecionados que elementos da tradição pré-hispânica se fizeram importantes para legitimar o poder da elite indígena *quiché* e *cakchiquel* diante do governo espanhol e das comunidades nativas da região das Terras Altas da Guatemala. Para realização de tal análise, faremos uso de dois documentos. São eles: *Memorial de Sololá e Título de los Señores de Totonicapan*; o primeiro pertence ao grupo étnico *cakchiquel*, e o outro ao grupo étnico *quiché*.

12h30 às 14h00 – ALMOÇO

14h00 – Palestra de abertura da tarde :

Toponimia, señoríos y linajes. Un acercamiento a las dinámicas sociopolíticas de la Mixteca a través de los códices prehispánicos

Manuel Hermann Lejarazu (manuelzu@yahoo.com)

Centro de Investigaciones y Estudios Superiores en Antropología Social

La unidad cultural que engloba a la Mixteca prehispánica puede apreciarse mejor a través del estudio de los códices y de los elementos pictográficos que los constituyen. Sabemos que entre los mixtecos las alianzas matrimoniales y las uniones entre linajes prestigiosos, formaban parte de las dinámicas políticas y territoriales que mantenían cierto equilibrio entre los señoríos más importantes. No obstante, nuevos estudios para el desciframiento de los glifos toponímicos nos revela, que la organización interna de un señorío era mucho más compleja que lo que habíamos imaginado antes, pues el número de asentamientos y el tamaño de sus poblaciones variaban considerablemente entre sí, lo que rebasa el antiguo modelo del señorío representado por una cabecera y sus sujetos.

15h00 – MESA V – *Histórias e cosmologias ameríndias nos códices nahuas, mixtecos e maias*

Mediador: Pedro Paulo Salles

As representações de deuses e seus contextos de atuação nos códices mixtecos

Ana Cristina de Vasconcelos Lima (ana.cvl@hotmail.com)

Mestranda na Universidade de São Paulo

Os códices mixtecos foram manuscritos produzidos nos períodos pré-hispânico e colonial a mando de elites indígenas mixtecas e estavam intrinsecamente ligados à política de seus senhorios, localizados na região dos atuais estados de Oaxaca, Guerrero e Puebla no México. Nos códices eram representadas, através de um sistema de notação pictoglífico, as genealogias e trajetórias dessas linhagens dirigentes. Um problema analítico desse grupo de manuscritos é a intensa participação de deidades e outros seres não humanos nessas histórias de linhagens. Existe ainda grande dificuldade na diferenciação e classificação das representações de senhores e deuses. O objetivo dessa comunicação é discutir as formas de representação dessas entidades, classificadas como deidades pelos especialistas no estudo desses manuscritos. Além disso, exploraremos alguns dos contextos de aparição dos deuses na narrativa que ajudem a esclarecer o papel dessas entidades não humanas nas histórias mixtecas.

Os lugares de origem das histórias de migração mexicas em um documento intercultural, o Códice Mexicanus

Carla de Jesus Carbone (carlinhacarbone@yahoo.com.br)

Mestre pela Universidade de São Paulo

Nesta comunicação, analisaremos como os lugares de origem das histórias de migração mexicas são representados e quais suas funções no argumento geral da história plasmada no *Códice Mexicanus*, um documento datado de finais do século XVI e composto por pictografia e glosas em nahuatl, espanhol e francês. O objetivo central é entender tais representações a partir das perspectivas e concepções que as permeiam, analisando como dialogam as distintas concepções de História, tempo e espaço que estavam em contato naquele

período, e como se estabelecem pontos de comunicação, acordos, mas também interpretações e leituras divergentes. Assim, buscamos propor um debate acerca da importância de abordar os documentos coloniais, inserindo-os no contexto de produção e usos, e como produtos interculturais que fazem parte de um processo de construção de mundos e relações de poder.

O cronotopo colonial nas histórias mexicas do século XVI: representações de tempo e espaço na narrativa dos acontecimentos pós-conquista nos códices Aubin, Vaticano A e Manuscrito 40

Eduardo Henrique Gorobets Martins (eduardo.henrique.martins@usp.br)

Mestrando na Universidade de São Paulo

O conceito de cronotopo histórico tem sido utilizado por historiadores como Federico Navarrete Linares e Minerva Colin Miranda para designar a interligação fundamental entre tempo e espaço na localização de eventos e personagens nas narrativas históricas, além de dar forma e sentido aos próprios eventos e às ações humanas e divinas dentro de tais narrativas. Os cronotopos estão presentes nas histórias mexicas coloniais por meio de soluções gráficas que combinam principalmente glifos calendários e toponímicos, dando unidade e sequência à narrativa e possibilitando a identificação de três tipos de cronotopo: o da migração, o imperial e o colonial. Nesta comunicação, irei comparar as representações de tempo e espaço na narrativa dos acontecimentos pós-conquista nos códices Aubin, Vaticano A e Manuscrito 40, a fim de aprofundar a caracterização do cronotopo colonial e evidenciar o contraste com os outros dois tipos de cronotopo.

Algumas reflexões sobre a estrutura dos códices pictográficos coloniais de conteúdo histórico

Gláucia Cristiani Montoro (glauciamontoro@uol.com.br)

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

No início do período colonial na região central do México foram produzidos dezenas de manuscritos pictográficos indígenas de conteúdo histórico. Muitos deles representam histórias de fundação, estruturação de entidades políticas e

ocupação de territórios durante o período pré-hispânico e colonial. Nesses manuscritos, as elites nativas se esforçaram para manterem elementos legitimadores de suas linhagens governantes, características de sua identidade étnica e/ou aspectos que garantiam o direito a seus territórios, pois necessitavam convencer tanto as populações indígenas de suas comunidades ou de seus vizinhos, como os novos governantes europeus. Esse esforço resultou em uma variedade de formas de estruturação dessas histórias, as quais congregam tanto as características da tradição pictográfica indígena dessa região como as tradições pictóricas e livrescas ocidentais, demonstrando soluções as mais variadas para a representação dos espaços e da história dessas comunidades.

17h00 às 17h30 – INTERVALO

17h30 – MESA VI – *Indígenas e cristãos no vice-reino do Peru*

Mediadora: Cristiana Bertazoni

O tratamento do sujeito índio cristão e sua relação com o outro na Nueva corónica y Buen gobierno do Felipe Guamán Poma de Ayala

Miguel Ángel Angulo Giraldo (angulo.runa@gmail.com)

Mestrando na Universidade Federal da Integração Latino-americana

O presente trabalho tem como objetivo realizar uma análise dos diversos sujeitos índios que o autor Felipe Guaman Poma de Ayala apresenta no capítulo “*De los indios cristianos de este reino*” no livro *Nueva corónica y buen gobierno*, a partir da identificação de três aspectos: as diferentes classificações, valorações e caracterizações dos índios; a forma na qual o mundo andino e o mundo espanhol cristão encontram-se conexas na estrutura colonial do vice-reinado do Peru no século XVI; e as narrativas sobre a identidade do sujeito índio na medida os que dois mundos descritos permitem novas reconfigurações do ser índio desde ele próprio e o “outro”.

Sobre sirenas e charangos: o conceito de mestiçaje e barroco andino em manifestações da arquitetura colonial e do cinema latino-americano contemporâneo

Thays Salva (thays.salvat@gmail.com)

Graduanda na Universidade Federal de São Paulo

A comunicação pretende debater sobre o significado na cultura andina da presença de sereias portando violas – em especial, o *charango* –, que se pode observar em diversos exemplares da arquitetura colonial de países como o Peru, a Bolívia e o Chile. Partindo do caso específico da portada de *San Lorenzo de Carangas* (1728-1744, Potosí/Bolívia), paróquia cuja fachada é considerada um dos exemplares mais representativos em seu país (e talvez na América do Sul) do chamado estilo *mestizo* no contexto do que se configura como a manifestação do “Barroco Andino”, mas considerando também outras edificações que serviram a seus construtores (artesãos mestiços, *criollos* e espanhóis) como fonte de inspiração, sendo a principal a Catedral de Puno (Puno/Peru), a comunicação propõe apresentar a sereia com viola como símbolo máximo não apenas do conceito de *mestiçaje* na arte (pintura ou arquitetura), como também de resistência das culturas locais diante do domínio europeu. Do período colonial ao contemporâneo, pretende-se encerrar a apresentação com breves considerações sobre a presença desta mesma figura na produção cinematográfica *La teta asustada* (Claudia Llosa, Peru, 2009).

30 de setembro - Auditório da Casa de Cultura Japonesa

10h00 – Palestra de abertura da manhã:

Colonialismo e resiliência indígena: o caso dos Asurini do Xingu

Fabiola Andréa Silva (faandrea@usp.br)

Universidade de São Paulo

Nas últimas décadas, estudos arqueológicos têm sido conduzidos no sentido de trazer evidências sobre a diversidade e especificidades locais e históricas dos colonialismos. Tem-se investigado as estratégias de interação e resistência dos povos indígenas durante estes processos, caracterizados por relações de poder e

tentativas de dominação política, social e econômica. Nesta apresentação falarei sobre a dinâmica de mobilidade e ocupação territorial dos Asurini do Xingu – desde o século XIX – a partir da correlação de dados arqueológicos, históricos e etnográficos. O objetivo é mostrar que esta dinâmica representou uma estratégia deste povo para assegurar a manutenção do seu modo de vida em face do colonialismo e da expansão capitalista, na região do médio rio Xingu, na Amazônia.

11h00 – MESA VII – *Arqueologia das Terras Baixas da América do Sul*
Mediadora: Cristiana Bertazoni

A ocupação pré-colonial da região do triângulo mineiro e norte de São Paulo

Gabriel Zissi Peres Asnis (gabrielasnis@gmail.com)

Graduando na Universidade Federal de Uberlândia

Este trabalho procura mapear quais grupos indígenas ocuparam a região do Triângulo Mineiro e norte de São Paulo, antes da chegada dos colonizadores. Através da fonte arqueológica, entendemos que esta região fora ocupada por diversas tradições indígenas, porém uma se destaca, a tradição Aratu-Sapucaí. Sendo assim, estamos analisando o material arqueológico derivado de pesquisas acadêmicas e também dos resgates da arqueologia de contrato, para compreendermos quem seriam estes Aratu-Sapucaí e quais as outras tradições que aqui estavam presentes. Após este mapeamento, trabalhamos com a hipótese de uma longa história, ou seja, que estes grupos indígenas seriam descendentes do grupo Cayapó, mencionados na documentação histórica. Esta denominação, uma exonímia, teria sido dada justamente a este conjunto indígena específico que estamos mapeando. Feito isso, poderemos reinterpretar a história indígena da região estudada.

As cores, as formas e os mortos: Urnas e contextos funerários da Tradição Polícroma da Amazônia

Jaqueline Belletti (jaq.belletti@gmail.com)

Mestre pela Universidade de São Paulo

Erêndira Oliveira (erendira.oliveira@gmail.com)

Doutoranda na Universidade de São Paulo

A Tradição Polícroma da Amazônia (TPA) compreende um conjunto de materiais encontrados por mais de 6.000 km em diferentes locais da bacia Amazônica cuja cronologia se estende por mais de mil anos. Nesse contexto de ampla dispersão geográfica e cronológica os sepultamentos em urnas funerárias antropomorfas são elementos importantes deste conjunto. Embora poucas destas urnas tenham sido encontradas por arqueólogos, a maioria foi coletada por moradores locais, os dados existentes nos permitem fazer algumas reflexões sobre a distribuição; cronologia; contexto; morfologia e iconografia destas peças emblemáticas, que carregam conteúdos simbólicos que traduzem aspectos ontológicos destas sociedades do passado. A relação destes elementos apontam questões sobre os significados dos sepultamentos em urnas funerárias antropomorfas na Amazônia pré-colonial e sobre a TPA como correlato de um processo histórico Pan-Amazônico de longa duração. Sobre estes aspectos que trataremos neste trabalho.

Arqueologia do rio Negro: A perspectiva pré-colonial do rio Unini

Márjorie do Nascimento Lima (limanmarjorie@gmail.com)

Doutoranda na Universidade de São Paulo

Desde a colonização, o rio Negro figurou na literatura como um local de emaranhado de povos indígenas, onde diferentes grupos conviviam tendo relações pacíficas e bélicas que configuravam um “sistema multiétnico”. Diversos documentos e narrativas indígenas atestam que a formação desse “sistema” é pré-colonial. A arqueologia tem demonstrado que essa bacia foi ancestralmente ocupada. O trabalho aqui apresentado corrobora esse quadro. Foram analisados dois sítios arqueológicos entre o baixo-médio rio Negro e o rio Unini, a partir dos quais estabeleceu-se um período cronológico inicial para a região, que teve início a partir do século III a.C. e se manteve, de forma ininterrupta, até pelo menos até o século IX d.C. Os resultados obtidos apontam para um quadro de permanência local, caracterizada por semelhanças materiais com áreas do médio Solimões, mas diferenciações com o alto rio Negro. Será que essa condição indica a formação de unidades políticas locais durante o período pré-colonial?

Para além do muiraquitã: um olhar sobre o uso cultural das pedras verdes nas Terras Baixas da América do Sul no contexto americano, e suas implicações

Leila Maria França (lefranca@usp.br)

Doutora pela Universidade de São Paulo

No Brasil, muitos têm se dedicado ao estudo do muiraquitã, este artefato geralmente em forma batraquiana, elaborado em jade e outras pedras verdes, cuja produção e uso têm sido atribuídos às culturas Santarém e Konduri, e associados, segundo os cronistas, às icamiabas ou “amazonas”. Ao contrário do que julga o senso comum, a eleição da pedra verde para a elaboração de objetos culturais não é aleatória e tampouco constitui privilégio do muiraquitã. Em todo o mundo e em diferentes épocas, várias sociedades empregaram esses materiais na elaboração de joias, objetos rituais e sociais, incluindo no Continente Americano, notadamente na Mesoamérica, América Central e Antilhas, e o norte da América do Sul. A partir do estudo de coleções do Museu de Arqueologia da USP, sugerimos repensar o muiraquitã dentro de um contexto mais amplo de uso e produção de objetos elaborados em jade e pedra verde, enquanto um fenômeno tipicamente americano, bem como refletir sobre suas implicações - o que inclui o problema das fontes de matéria-prima e de prováveis redes regionais de circulação.

13h00 – 15h00 – ALMOÇO

15h00 – Palestra de abertura da tarde :

La bebida del mezcal en el sitio arqueológico de Xochitecatl-Cacaxtla durante el período Formativo

Jesús Carlos Lazcano Arce (clazcano@humanidades.unam.mx)

Universidad Nacional Autónoma de México

Las investigaciones que hemos realizados en el valle Puebla-Tlaxcala, México, se han centrado en la recuperación y análisis de los vestigios de la actividad humana del centro ceremonial de Xochitecatl, del área cívico administrativa de Cacaxtla y de la zona de espacios habitacionales colindante con ellos. Se han

identificado algunos procesos de trabajo y actividades de subsistencia que se desarrollaron durante las diversas etapas de ocupación prehispánicas que abarcan desde el período Formativo (800 a.n.e.-200 d.n.e) hasta su abandono a finales del periodo Epiclásico (950 d.n.e). Asimismo se ha podido entender el patrón de asentamiento, la extensión, los sistemas constructivos, la cronología, los tipos cerámicos, los elementos líticos. Asimismo en el área habitacional de Xochitécatl-Cacaxtla hemos documentado hornos que, según plantean Serra, Lazcano y Hernández (2000), sirvieron para el cocimiento de las cabezas de agave, *maguey*, con el fin de producir una bebida alcaloide ahora llamada mezcal, por ello, en este trabajo presentamos los resultados finales del proyecto la Ruta del Mezcal.

16h00 – MESA VIII – *Arqueologia da Mesoamérica*

Mediadora: Leila Maria França

Peças esquecidas, informações desperdiçadas. Uma discussão sobre o estudo de peças arqueológicas sem contexto. O caso do jaguar esquecido de Le Plongeon

Daniel Grecco Pacheco (daniel_gpacheco@yahoo.com.br)

Mestrando na Universidade Estadual de Campinas

“*Uma peça sem contexto não tem valor científico*”. Quantas vezes essa frase não é repetida à exaustão pelos estudiosos da cultura material em suas diversas investigações. Partindo do pressuposto de que todo artefato possui um potencial para ser estudado em sua totalidade, essa comunicação questiona ideias pré-concebidas de que só as peças com um contexto quase que completo podem ser estudadas. A nossa proposta é apresentar algumas indicações metodológicas que inspirem estudos de peças “esquecidas”. Com base em autores que tem trabalhado na área conhecida como a *História das Coleções*, iremos ilustrar o debate com a apresentação do caso de uma escultura descoberta pelo casal Le Plongeon em Chichén Itzá em 1875, e que hoje se encontra no depósito de um museu no México. Ao propor esse debate, entretanto, não pretendemos nos posicionar contrários à importância do contexto para os estudos arqueológicos, mas sim levantar novas possibilidades do uso de objetos que são frequentemente descartados.

Control, tributo y fundación de sitios en el Valle de Puebla-Tlaxcala durante el periodo Epiclásico (650 -950 d.n.e.)

Jesús Carlos Lazcano Arce (clazcano@humanidades.unam.mx)

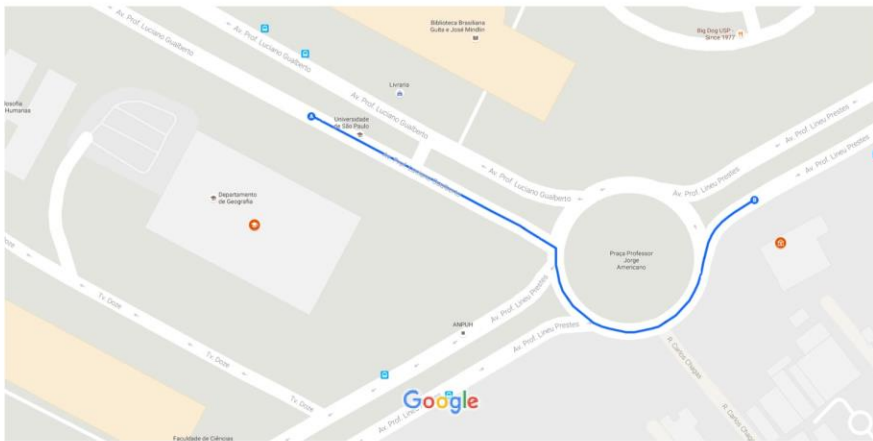
Universidad Nacional Autónoma de México

Marianne Sallum (marianne.sallun@gmail.com)

Doutoranda na Universidade de São Paulo

El reacomodo poblacional es un aspecto que destaca en el Altiplano Central mesoamericano durante el periodo Epiclásico (650 d.C.-950 d.C.). El proyecto arqueológico: “Estudio regional de los grupos que habitaron el valle de Puebla-Tlaxcala durante el periodo Epiclásico” establece que las causas de este reacomodo, con la finalidad de explotar diversas áreas naturales y obtener tributo ya sea en bienes o en fuerza de trabajo, se debe a la fundación de nuevos asentamientos menores y el control de algunos sitios ya establecidos por parte del sitio rector de Xochitecal-Cacaxtla y Mixco Viejo. Lo que aquí interesa presentar son los resultados preliminares que presentan tres niveles o tendencias poblacionales: una es la centralización, que está representada por los mismos sitios de Xochitecatl-Cacaxtla y Mixco Viejo fungiendo como los más importantes sobre una serie de grupos que competían constantemente entre ellos y la segunda tendencia es la ruralización, vista a través de los conjuntos de sitios de dimensiones menores con agrupaciones de unidades residenciales ubicadas en las terrazas y de edificaciones pequeñas.

17h00 – ENCERRAMENTO DO EVENTO



Dados do mapa ©2016 Google 20 m

VIII Colóquio História e Arqueologia da América Indígena - Locais do Evento



Abrir no My Maps



Locais do Evento



Casa da Cultura Japonesa



Departamento de História e Geografia



Rotas de Departamento de História e Geografia até Casa da Cultura Japonesa



Rotas de Departamento de História e Geografia até Casa da Cultura Japonesa



Departamento de História e Geografia



Casa da Cultura Japonesa

Centro de Estudos Mesoamericanos e Andinos da USP
(Laboratório de Ensino e Pesquisa)

Departamento de História – FFLCH/USP

Avenida Prof. Lineu Prestes 338, Cidade Universitária – São
Paulo SP – CEP 05508-900

E-mail: cema@usp.br

Site: www.usp.br/cema